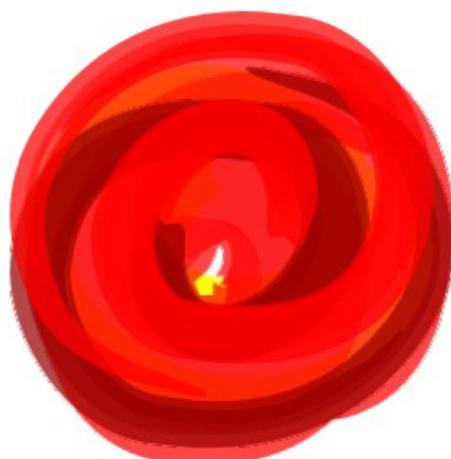


Universidade Católica de Pernambuco
Departamento de Comunicação Social
Agência Experimental em Relações Públicas



***A Incrível e Fantástica História da
Mãe dos Filhos da Sobrevivência
ou A Peleja do Sertanejo
com a Vida e a Morte
ou Olhares Sobre
Os Sertões Pernambucanos***

Alfredo Sotero

Recife, julho de 2002

I - Preliminares

Apesar de fatos e apontamentos de importância histórica, o Nordeste e, principalmente o sertão brasileiro, até meados do século XX, eram tidos como exóticos, uma terra e um povo perdidos *nem* no tempo *nem* no espaço, um incômodo nacional.

Vinte e três dias antes do nascimento do Menino Jesus, data alusiva à esperança cristã, assim como a chuva para o sertanejo, acontece uma enxurrada de denúncias sobre uma região que o Brasil “desconhecia”: é lançada, no Rio de Janeiro, uma *bomba* social: Os Sertões,¹ do fluminense Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha.

Tendo como referência essa *bomba*, são estruturadas em várias *campanhas* (capítulos), situações diversas sobre o *habitat* e a cultura sertaneja pernambucana. Passado o “pelejamento” de suas razões e importância (justificativa), foram traçados os objetivos, estratégias, grupos a serem *atacados* e todos os parâmetros necessários para um planejamento. Mas a *boleia* do trabalho desenvolve-se na sistemática operacional – *o que será* (deverá ser) *feito*?!

Os “olhares...” é um projeto da Coordenação da Agência Experimental em Relações Públicas – Agerp para os corpos docente e discente do Departamento de Comunicação Social – DCS da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap. São idéias, sugestões a serem lapidadas, adaptadas, desenvolvidas ou *inventadas*, tendo o seu produto final, autoria coletiva dos professores, egressos e alunos. O *marco* “decesseano” é fazer um semestre diferente.

¹ Quase 100 anos após o seu lançamento, *Os Sertões* foi considerado o livro brasileiro mais representativo em todas as áreas, em todas as épocas. Esse resultado foi confirmado na enquete realizada pela revista *Veja* e divulgada na edição de 23 de novembro de 1994 com antropólogos, literatos, críticos literários, historiadores, entre outros.

“Misto de ensaio científico, panfleto e relato jornalístico, o livro impressiona por sua força estética. É fundamentalmente uma obra literária, de um gigantismo comparável aos “Lusiadas” de Luís de Camões, ou mesmo “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, seja na construção dos tipos, seja no conteúdo trágico, seja no estilo. Sua linguagem tende para ao solene e o monumental, mas é moderna no registro dos conflitos sociais, dos desvarios psíquicos e do heroísmo anônimo das populações sertanejas”.

www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/sertoos/

II - Uma Re(li)gião Chamada Sertão

Falar do sertão e do sertanejo é ir além das transposições sócio-político-econômicas e cultural nordestinas e brasileira. O sertão e o sertanejo são teimosos, esperançosos e trabalhadores.

A Mãe (Terra) é teimosa, mas tem (a) esperança n(d)os seus filhos...

“Quando ôiei a terra ardendo
Com a fogueira de São João
Eu perguntei, ai pra Deus do céu, ai
Pruquê tamanha judiação

Qui brazeiro, que fornáia
Nem um pé de prantação
Pru farta d`água perdi meu gado
Morreu de sede, meu alazão

Inté mesmo a Asa Branca
Bateu asas do sertão”²

...

Tudo no sertão arde: seja o sol, os espinhos das cactáceas, os pêlos das urticáceas, os *bichos*, o solo arenoso (e seus) lajedos, seja o amor e respeito do sertanejo por sua terra. Terra conhecida por mato branco – a caatinga, pois, durante a seca ou grandes estiagens³ os seus arbustos, vegetação rasteira com até três metros,) ficam com seus galhos acinzentados a exemplo da jurema. Exceção aos cactos e bromélias, com destaque para a *palma* (alimento para o gado quando da seca), a *coroa-de-frade*, o *caroá*, a *macambira* (essas duas últimas, quando manipuladas, produzem fibras para trabalhos manuais), a caatinga arbórea, vegetação de grande porte, por não ultrapassar os 10 metros de altura. Uma das mais conhecidas é “a árvore sagrada do sertão”⁴ – o *umbuzeiro*.

² GONZAGA, Luiz, Teixeira, Humberto. *Asa branca*. 1947.

³ Euclides já tinha vaticinado esses fenômenos a partir de suas pesquisas que “uma cadência raro perturbada na marcha do flagelo, intercotado de intervalos poucos díspares entre 9 e 12 anos e sucedendo-se de maneira a permitirem previsões seguras sobre a sua irrupção”.

⁴ Exaltado e referendado por Euclides da cunha em *Os Sertões*.

Na sua fauna, destacam-se: aves de grande porte, como a *siriema* (com seu canto de contralto estridente), ou menores como as *juritis*, a *asa branca* (símbolo da eterna esperança); répteis como a *cascavel*, *cágados* e dos “pré-históricos” *tejus* ou “tius”; os roedores, como o *preá* (excelente carne de sabor forte), *tatus*; aracnídeos, morcegos e felinos de grande porte a exemplo da *raposa*, *suçuarana* e *jaguar*. Das águas, apesar das inúmeras espinhas, a *traíra* e o lendário *surubim*.

Pernambuco “terra dos altos coqueiros”, do neurastênico litoral e dos imponentes mandacarus da resistente caatinga, possui 184 municípios. 56 estão situados em dois terços ou 70% da sua maior região natural. O seu território formado por um rio seco (temporário), mas não estéril, onde, aos primeiros pingos de chuva, tudo cheira a terra molhada, tudo cheira a verde, tudo cheira a vida verde – é o sertão ou caatinga. São mais de 65.200 km².

Com 18,20% do território nacional, o Nordeste é a terceira região brasileira em tamanho. É quase um milhão de quilômetros quadrados: área maior que qualquer estado brasileiro, com exceção do Amazonas e do Pará. Três quartos dessa área são formados por uma sociedade de mitos, mistérios e predestinação: o sertão. Ao penoso pedaço de chão nordestino, são somados mais 98.000 km² do norte de Minas Gerais.

Dos seus nove estados, grande parte do oeste de oito deles têm climas secos (com variantes de árido, semi-árido, seco e subseco), terra pedregosa e a maioria da sua vegetação (pelo menos aquela que sobrevive à falta d`água e ao escaldante sol), não tem folhas e sim espinhos, adaptação sofrida para sobreviver numa das regiões mais quentes do planeta.

Os Filhos (Homens, Mulheres) são esperançosos e teimosos à sua Mãe...

“ ...

Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, num chore não, viu?
Que eu vortarei, viu, meu coração!”⁵

No sertão e, principalmente, na caatinga, quando não chove ou nos períodos de grandes estiagens, os que ficam padecem de uma penação danada, mas resistem. Vaqueiros e parteiras são os predestinados. Eles não se rendem a não ser por “obra do Divino Espírito Santo”. Os que se arvoram em partir partem, com tudo partido. O dinheiro “verde” da cana-de-acúcar do litoral ou a utopia de *Sum Paulo* não são argumentos nem páreos às primeiras notícias das chuvas: o retorno é certeza.

A teimosia e a esperança dão origem à Sobrevivência (Luta), ao trabalho...

“Já faz três noites qui pro norte relampeia
A Asa Branca ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas e vortou pro meu sertão
Ai, ai, eu vou m’imbora
Vou cuidá da prantação
...

Rios correndo as cachuêra zuando
Terra moiada, mato verde, qui riqueza
E Asa Branca à tarde canta qui beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre que a natureza”⁶

Mesmo castigado pelo sol, pelas pedras na terra avermelhada, pelos espinhos das *plantas*, pela água salobra, o sertanejo não desiste de trabalhar. Trabalha com a enxada para tirar a sua comida, trabalha com a sua memória e o seu tino para cultivar as suas músicas, danças, poesias, tradições, a sua cultura.

Trabalha, também, contra os maiores inimigos depois da fome: a inescrupulosa atuação dos vigaristas dos “podres poderes” privados e, principalmente, dos públicos (o cartel da seca) e o neobanditismo químico-físico (principalmente o do tráfico da maconha).

⁵ GONZADA, Luiz, Teixeira, Humberto. *Asa branca*. 1947.

⁶ DANTAS, Zé, GONZAGA, Luiz. *A volta da asa branca*. 1950.

“Mais dotô uma esmola
A um home que é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão

“É por isso que pedimos

...

Dê serviço a nosso povo

...

Dê cumida a preço bom
Não esqueça a açudage
Livre assim nós da esmola
Que no fim dessa estiage
Lhe pagamo até os júru
Sem gastar nossa corage.”⁷

“Sertão das muié séria
Dos home trabaiadô”⁸

O sertão é um mistério, e o sertanejo, um milagre da fé, esperança e do seu trabalho.

⁷ DANTAS, Zé, GONZAGA, Luiz. *Vozes da seca*. 1953.

⁸ DANTAS, Zé, GONZAGA, Luiz. *A volta da asa branca*. 1950.

III - Pequeno Diário De Uma Peleja Secular... Seculares

04 de outubro de 1897. Restaram apenas 20 guerreiros, famintos e sedentos, numa trincheira: estava pronta a cova cavada por eles mesmos. Não por orgulho, mas lutando pelos seus direitos, os sertanejos, apesar das bombas, metralhadores e da “matadeira”, não se renderam. Preferiam morrer lutando, armados precariamente com paus e pedras, sem nenhum tipo de tática de guerra, às lâminas dos estripadores e degoladores – os “corta-cabeças”.

05 de outubro de 1897. Arraial de Canudos, Bahia: tombaram os últimos defensores: “Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”⁹

06 de outubro de 1897. O país, principalmente a Rua do Ouvidor (o “agito” intelectual e cultural brasileiro), a Igreja e o Exército comemoraram a “vitória” da República contra os Antônio, Severinos, José, Pedro, Maria, Josefa, Francisca... sertanejos.

02 de dezembro de 1902. Rio de Janeiro. Uma “vingança” já anunciada há cinco anos enquanto correspondente do Estado de São Paulo e, apesar da censura imposta pelo Exército aos artigos dos então conhecidos homens-palavra¹⁰, chega *temerosamente* ao mercado editorial, o “livro vingador”¹¹: Os Sertões, de Euclides da Cunha.

O épico-dramático euclidiano denuncia as atrocidades da Guerra de Canudos, ou melhor dizendo: um massacre, extermínio, crime, barbárie. “Não era uma guerra; era

⁹ CUNHA, Euclides da. Os sertões (acrescido de rica iconografia e prefácio de M. Cavalcanti Proença). Edições de Ouro: Rio de Janeiro, sem data.

¹⁰ *Jornalistas enviados como correspondentes para noticiar a Guerra. “Procuravam” palavras adequadas para não ofender nem o Exército nem a República.*

¹¹ BARROS, Frederico Ozanam Pessoa de. *Euclides da Cunha – seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico.* São Paulo: Abril Educação, 1982.

uma vingança selvagem”.¹² Uma iniquidade fraticida contra “o cerne da nacionalidade”¹³ – a comunidade sertaneja.

26 de novembro a 13 de dezembro de 2002. Universidade Católica. Recife, Pernambuco. No segundo dia do mês de dezembro, Os Sertões completam cem anos. Apesar dos mil exemplares da sua primeira edição, torna-se não só um sucesso editorial, mas um eco de denúncias de um Brasil que muitos não queriam enxergar.

Arelado a esses fatos, o Departamento de Comunicação Social, através da Agência Experimental em Relações Públicas – Agerp, une-se às várias instituições brasileiras para homenagear o mérito de Euclides da Cunha.

O trabalho interdisciplinar “A Incrível e Fantástica História da Mãe dos Filhos da Sobrevivência ou A Peleja do Sertanejo com a Vida e a Morte ou Olhares Sobre Os Sertões Pernambucanos” tem como pressuposto o clássico¹⁴ euclidiano para contar *causas* de alguns *insulamentos* e riquezas de dois terços do território estadual: os sertões pernambucanos. Região cuja terra é árida, mas dá vários e excelentes frutos-exportação nacionais; do seu povo matuto, porém, no mínimo, acolhedor, e sua luta consuetudinária não apenas por ações sociais, culturais, atos de religiosidade, bem como a luta pela quebra das amarras impostas pelos currais das politicagens de alguns latifundiários (neo)coronelistas.

¹² GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DO BRASIL. *Euclides da Cunha* – o cronista de uma tragédia brasileira. 4ª ed. São Paulo: Abril S. A Cultural e Industrial, 1978.

¹³ PROENÇA, M. Cavalcanti. Prefácio. In CUNHA, Euclides da. Os sertões (acrescido de rica iconografia e prefácio de M. Cavalcanti Proença). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, sem data.

¹⁴ “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer [exercendo] uma influência particular quando se impõe como inesquecível e também quando se oculta nas dobras da memória, mimetizando-se [adaptando-se] como inconsciente coletivo ou individual [...] chega até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura [...] ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes. [...] provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe”. CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

Os Sertões tiveram ressonâncias nacionais e internacionais, sendo editado em mais de 10 línguas, em mais de sessenta países, foi motivo de várias teses, centenas de artigos, romances brasileiros e mereceu criação premiada do peruano Mario Vargas Llosa com o seu “A Guerra do Fim do Mundo”, que, em 2002, completa sua maioridade: 21 anos da primeira edição.

“O Sertão é um esplendor silencioso. Sua densidade demográfica e seu capital de representação identitária pedem um outro empenho e um outro respeito”¹⁵. Esse empenho e respeito fez surgir um revoada de denúncias de grandes literatos durante todo o século XX sobre os sertões brasileiros que são reminiscências euclidianas. O “Olhares...” deve fazer uso universal dos clássicos sertanejos nacionais como os de Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Guimarães Rosas, bem como e principalmente dos universais-locais sejam dos filhos “pernambucanamente” naturalizados como Ariano Suassuna e do mais que pernambucano João Cabral de Melo Neto.

Para que se tenha melhores e maiores *olhares* sobre este projeto, o mote deverá ser *contado* a partir da realidade dos cursos do DCS-Unicap: Jornalismo, Relações Públicas, Turismo e do recém estruturado Publicidade e Propaganda.

¹⁵ HOLANDA, Lourival. As secas e os rios de retórica. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. Recife, outubro de 2001, Suplemento Cultural.

IV - Os Ideais De Uma Saga

1 - Geral

Congregar os corpos discente e docente do Departamento de Comunicação Social – DCS da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap para alusiva homenagem aos 100 anos d’Os Sertões.

2 - Específicos

2.1 Estruturar ações de Comunicação e do Turismo sobre a realidade dos sertões pernambucanos, tendo, como referência, o clássico de Euclides da Cunha.

2.2 Integrar a teoria à prática, com os trabalhos acadêmico-profissionais dos alunos, egressos e professores dos cursos do DCS da Unicap.

2.3 Otimizar os docentes do DCS a produzirem com seus alunos estratégias concernentes à temática d’Os Sertões.

2.4 Vincular disciplinas e professores não “profissionais” à tona da realidade de cada Curso do DCS, como suporte às atividades sobre Os Sertões e os “Olhares...”

2.5 Matutar com os alunos do DCS/Unicap que, além de um texto inteligente, Os Sertões eleva a produção de conhecimento e reflexão sobre uma terra e um povo que são, antes de tudo, resistentes.

In Memoriam

2.6 Reverenciar os 90 anos de nascimento da grande Lua pernambucana.

V - Os Brasileiros E Os Terráqueos

- Comunidade Acadêmica, Administrativa e Religiosa da Unicap
- Egressos dos Cursos de Comunicação e Turismo da Unicap
- Órgãos de Cultura e Educação do Estado de Pernambuco
- Órgãos de Cultura e Educação da Cidade do Recife
- Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco
- Instituições Brasileiras de Ensino Superior
- Casa Euclidiana
- Internautas

VI - O Cenário E Os Acessórios

Período
25 de novembro a 13 de dezembro de 2002

Local
Campus da Universidade Católica de Pernambuco

Apoio
Universidade Católica de Pernambuco
Departamento de Comunicação Social

Realização
Agência Experimental em Relações Públicas

VII - A Campanha Dos Homens Das Palavras

1 – Interna

- . Todos os setores da Unicap
- . Assecom

2 – Externa

- . Órgãos de Cultura e Educação de Pernambuco
- . Instituições Brasileiras de Ensino Superior
- . Casa Euclidiana
- . Internautas

3 – Instrumentos

3.1 Impressos

- . *Teasers*, cartazes, *folders*, volantes, Jornal Unicap

3.2 Eletrônicos

- . *Displays* (blocos A e G), página *on-line*, *e-mail*

VIII - As Armas Da Batalha

- Ler ou reler Os Sertões de Euclides da Cunha
- Realizar pesquisas específicas sobre os sertões pernambucanos
- Criar campanhas institucionais à luz da cultura sertaneja
- Desenvolver cases sobre o turismo em potencial dos sertões pernambucanos
- Criar e mostrar as artes sertanistas
- Estruturar reflexões e debates com professores, egressos e alunos do DCS
- Fixar a temática no jornal laboratório O Berro
- Expor trabalhos dos alunos de fotojornalismo e ou ensaio fotográfico
- Exibir clássicos da cinematografia nacional (ficção e documentários) bem como trabalhos premiados nacionalmente de egressos de jornalismo do DCS da Unicap
- Intercambiar, com professores de outros departamentos da Unicap trabalhos, sobre a terra, o homem e a “guerra” para a sobrevivência do sertanejo pernambucano.
- Criar uma página *on-line*
- Estruturar e expor o acervo da Biblioteca Central Pe. Aluísio Mosca de Carvalho sobre a temática.
- Iniciar os alunos de Publicidade e Propaganda no processo de criação.
- Criar mecanismos para um maior reconhecimento e motivação à produção qualitativa dos corpos discente, docente, bem como de egressos do DCS da Unicap.

IX - Como Fazer Uma Batalha

1 - Das Disposições Gerais

A estrutura do “Olhares...” terá o fio condutor (raciocínio) de Euclides: dividida em três partes, a Terra, o Homem e a Luta deverão ser interpretadas como a Mãe, os Filhos e a Sobrevivência. Esta tríade será dividida em geral (introdução ou preliminares): os sertões nordestinos, mineiros e a Guerra de Canudos e específica sobre os sertões pernambucanos.

As três partes, tanto na geral como na específica, serão formadas por subprojetos ou trabalhos.

Os subtrabalhos poderão ser produzidos individualmente ou coletivamente. Cada professor, aluno ou grupo deverá escolher uma das três áreas (partes) a ser(em) trabalhada(s).

Cada docente poderá ser autor¹⁶ e ou orientador de trabalho(s) de aluno(s) ou grupo(s).

Cada aluno ou grupo deverá ter um professor orientador vinculado ou não com alguma disciplina.

Poderá haver participação de egressos convidados.

Como o trabalho “Olhares...” tem suporte n’Os Sertões, todas as atividades deverão fazer analogia entre 1897 e 2002.

Palavras básicas a serem utilizadas nos subtrabalhos: adverso, ambigüidade, antagonismo, contradição, contraprova, dicotomia, díspares, emboscada (no sentido de surpresa), paixão, paradoxo.

¹⁶ O professor do DCS ou de outro departamento da Unicap que em 2002.2 lecionará disciplina(s) no profissional seja em Jornalismo, Relações Públicas ou Turismo e desenvolver atividade específica para “Os Olhares...”

Os subtrabalhos poderão ser criações inéditas ou não. A seleção de subtrabalhos de semestre(s) anterior(es), mesmo que já apresentados ao público, torna-se importante em dois aspectos na definição qualitativa: mostrar e ratificar a produção seja de alunos e ou de egressos.

A formatação final dos subtrabalhos deverá configurar três situações:

A – Pesquisa Científica ou temática (*papers: artigos, ensaios...*) de professores, egressos e alunos:

- . Mesa Redonda Docente e Egressos
- . Mesa Redonda Discente

B – Pesquisa Temática-Criativa de professores e alunos

- . Exposição com trabalhos “técnicos” e ou científicos em formato de painéis.
- . Cineclube Revezes

C – Imagens Para Os Seus Ouvidos, Sons Para Os Seus Olhos¹⁷ (Artística, Poética e Audiovisual

- Pinturas e esculturas de professores, egressos e alunos.
- Poemas
- Criações para os mais diversificados instrumentos de comunicação eletrônicos.
- Inédito: apresentar, na Unicap, as produções da “Rádio da Unicap”

Obs: A linguagem dos trabalhos será ainda definida, se em prosa ou versos.

Posteriormente serão definidas as sistemáticas das Mesas Redondas e das Imagens Para Os Seus Ouvidos...

O “Olhares...” terá a supervisão geral da Coordenação da Agerp e específicas (apoio) das Coordenações dos Cursos, bem como do Chefe do DCS.

¹⁷ Uma das 10 atividades da SemanaCom. Projeto desenvolvido pelo prof^o Alfredo Sotero para o Departamento de Comunicação Social.

A MÃE

Ser ou estrutura essencialmente feminina é capaz de gerar, criar, germinar e sustentar, respectivamente, um mistério que, apenas, de maneira teórica e muitas suposições, é explicado por teólogos e ou cientistas: a Vida.

Assim como alguns fenômenos sobressaem em algumas mulheres, necessitando de “cuidados”, a terra, produtora da subsistência humana, até hoje, mesmo que exista indício de infertilidade, se bem *arada* e com utilização de algumas alquimias naturais ou de *manipulação*, não apenas esverdeará, mas germinará e frutificará.

- Estrutura física de Pernambuco: localização, área, municípios (anos de fundação; fazer analogia com Canudos, suas fundações e na atualidade, seus fenômenos (o clima e a seca, tipo de solo, serras, chapadas ...)

- Vegetação¹⁸: plantas nativas (utilidades ou utilização: medicinal, culinária) com suas classificações: científicas, populares e estatísticas do IBAMA: em processo de extinção...

- Plantação¹⁹: as novas culturas de subsistências. “A água do São Francisco permite cultura diversificada. O pH da água resultante da concentração e tipos de sais presentes favorece diversas plantações. A tecnologia moderna permite que se produza o solo com características necessárias ao cultivo desejado. A intensidade do sol, protegendo as plantações das pragas e favorecendo o desenvolvimento de determinados constituintes como *carotenos* (pigmentos de coloração vermelha precursora da vitamina A) e *licopemos* (também de pigmentação vermelha são considerados, atualmente, fatores preventivos anticâncer, como exemplo o da próstata), se constitui a maior vantagem em se produzir no sertão”²⁰. Apesar de polêmico, o projeto da transposição das águas do Velho Chico beneficiará, e muito, outras áreas que não sejam as ribeirinhas.

¹⁸ “Conjunto de plantas que nascem naturalmente numa região” SIEBERT, Célia. Geografia de Pernambuco. São Paulo: FTD, 1998.

¹⁹ “Que faz parte da cultura do homem” SIEBERT, Célia. Geografia de Pernambuco. São Paulo: FTD, 1998.

²⁰ PIRES, Edileide Freitas. Nutricionista, Mestra em Ciências dos Alimentos, Doutora em Nutrição – especialista em microbiologia de alimentos e água. Professora de Nutrição da UFPE.

- Animais: terra: mamíferos, herbívoros (roedores), répteis...; ar e água com suas classificações: científicas, populares e estatísticas do IBAMA: em processo de extinção...

OS FILHOS

Todo produto seja material ou subjetivo (idéia), tem como objetivo do seu criador a aprovação; todo filho pode ser saudável ou não. Para ambas as situações, o meio, seja mercadológico, social ou genético, influencia na qualidade final.

Seja de forma evolutiva, metamorfoseadas ou manipuladas, essas heranças são acompanhadas e registradas através dos fatos, através dos tempos pelo homem.

- Características. Primeiros habitantes: “homens das cavernas?”
- Personalidade: a honra (obsessiva e passional?), o caráter.
- O vaqueiro: o tradicional e o moderno (motoqueiro)
- Índios. Dos oito grupos indígenas pernambucanos, seis sobrevivem no sertão. Esse ano a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB na anual Campanha da Fraternidade, faz alusão às comunidades indígenas com o lema “Por Uma Terra Sem Males”.
- Miscigenação
- Indumentárias: ontem e hoje. “Hábito ... de brim americano... trajes esquisitos – camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas, derrubadas; e sandálias”²¹ e as roupas das novelas .O gibão e a jaqueta do motoqueiro.
- O caldeirão de mitos: daqui ou que por aqui passaram: Conselheiro, Maria Bonita, *Padim Ciço*, Frei Damião...
- Mais que especial: em 13 de dezembro de 2002 serão comemorados os 90 anos de nascimento de Luiz Gonzaga (1912)
- Os poetas, os músicos...

²¹ CUNHA, Euclides da. Os sertões (acrescido de rica iconografia e prefácio de M. Cavalcanti Proença). Edições de Ouro: Rio de Janeiro, sem data.

A SOBREVIVÊNCIA

Sendo o sertanejo um forte, apesar das adversidades internas (terra arenosa, clima seco, politiquieiros²²) ou externas (regiões *climaticamente* mais privilegiadas e a República Federativa), os cernes do seu trabalho, da sua religiosidade e da sua cultura são laboriosamente preservados ou adequados assim como outra(s) sociedade(s).

- O lado dourado da sobrevivência: ações culturais (tradições consuetudinárias) o deserto que virou vida ou o sertão que virou mar – Santa Maria da Boa Vista, Lagoa Grande, Petrolina. “Em Petrolina, a produção de frutas e polpa de frutas para exportação merece destaque. A acerola é um produto de grande aceitação no mercado externo, sendo exportada também na forma verde desidratada por processo de *liofilização* (processo de secagem a frio). Desse produto, é extraída a vitamina C para uso em cosméticos e medicamentos. O tomate também é largamente produzido para exportação na forma de polpa ou purê. A quantidade de corante vermelho, na forma de *licopemo*, é o diferencial do tomate cultivado no sertão do São Francisco, garantindo a aceitação pelos países do oriente.”²³ Outras frutas e investimentos de grande porte estão sendo desenvolvidos no vale do São Francisco.

- O lado vermelho da sobrevivência: ações sociais (posse da terra – MST²⁴), políticas, religiosas.

- O lado negro da sobrevivência: escândalos e crimes: da mandioca... Raimundo Jacó, a violência, o banditismo, a fome, sistema “coronelistas” brutal.

²² 2002 é ano de eleições. Talvez seja histórica a sucessão presidencial, como foi em outros anos, especialmente em 1984 com o movimento das Diretas Já.

²³ PIREZ, Edileide Freitas. Nutricionista, Mestre em Ciências dos Alimentos, Doutora em Nutrição – especialista em microbiologia de alimentos e água. Professora de Nutrição da UFPE.

²⁴ Como exemplo, porém com pequenas alterações para os sertões pernambucanos, a dissertação de mestrado da professora Verônica Brayner: “A ameaça à ordem pública: análise do discurso da imprensa sobre os movimentos de saques ocorridos durante a seca de 1998 no semi-árido nordestino”.

3 - Da metodologia a ser utilizada nas disciplinas

3.1 Dos outros departamentos

- Intercambiar, com professores de outros departamentos da Unicap trabalhos sobre a terra, o homem e a “guerra” para a sobrevivência do sertanejo pernambucano a partir das disciplinas do profissional: Geografia do Brasil, Antropologia Cultural, Realidade Social, Econômica, Política e Regional, Humanismo e Cidadania, e em especial, leitura, análise e interpretação d’Os Sertões e os homens-palavra da atualidade, o “sertanejanês” de várias expressões como “ispia só fulano”, “tu não é parêa ...” na disciplina Língua Portuguesa e Comunicação e na disciplina Língua Espanhola II, pesquisa e análise de expressões tipo: “ontonce eu vou...”

3.2 Do DCS

Turismo

- O turismo em potencial do sertão (religioso...).
- O antagonismo entre Serrita e Triunfo, por exemplo.
- O Rally Internacional dos Sertões
- Pinturas rupestres
- Projetos ou ensaios turísticos

...

Relações Públicas

- Campanhas institucionais
- Homenagens especiais
- Cerimonial do trabalho
- Trabalhos dos alunos de Planejamento em Comunicação, NL4 – 02.1 com temáticas culturais e política: Missa do Vaqueiro, Bumba-Meu-Boi e Carrancas.

...

Publicidade e Propaganda

Apesar de ser a primeira turma, existem alguns conteúdos programáticos convergentes entre os dois períodos iniciais do curso:

1º Período - *Introdução à Publicidade e Propaganda*: - A publicidade e o contexto político, social e econômico de vendas e institucional. A propaganda ideológica.

Marketing em Publicidade e Propaganda: - Marketing político

2º Período - *Teoria e Técnica da Publicidade e Propaganda I*: - A responsabilidade social da propaganda. Criação publicitária: noções fundamentais.

Consumidor e Sociedade: - A propaganda enganosa e abusiva.

Como estamos em ano de eleições, os alunos do segundo período de PP poderão pesquisar e analisar os materiais (propaganda) utilizados pelos políticos em suas campanhas nos sertões pernambucanos.

Jornalismo

- Utilizar o Berro como divulgador oficial do evento. As quatro edições poderiam assim ser divididas: uma de conteúdo sobre a Guerra de Canudos e as outras três segmentadas em: a Mãe (Terra), os Filhos (Homem) e a Sobrevivência (Luta).

- Expor produção inédita e ou de arquivo dos alunos de fotojornalismo e ou de ensaio fotográfico.

- Cine Clube Revezes Especial: exibir clássicos da cinematografia nacional (ficção e documentários), como *Vidas Secas*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol...*, o especial para televisão *Morte e Vida Severina*, bem como trabalhos premiados nacionalmente de egressos de jornalismo do DCS da Unicap (*Morte e Vida Severina – 40 anos depois: uma visão jornalística* de Gerson Camarotti e *As Faces de um Raimundo* de Jandysales Alencar).

- Veicular trabalhos inéditos ou de arquivo da Rádio Unicap com temáticas sobre a cultura sertaneja (no “Telão” da Pastoral)

...

3.3 Das Ações Especiais

Biblioteca Central Pe. Aluísio Mosca de Carvalho

- AcervoCom²⁵ Especial - estruturar e expor o acervo de livros, catálogos, periódicos, vídeos, outros audiovisuais interativos ou não, sobre a temática.
- Estruturar uma exposição 90 anos da Lua Pernambucana, título provisório, em homenagem aos 90 de nascimento de Luiz Gonzaga.

Centro Cultural Pe. Tavares de Bragança

- Expor pinturas, esculturas, poemas de professores, egressos e alunos do DCS.
 - Exibir produções de multimídia.
 - Trabalhos dos alunos da 2º ano do Ensino Fundamental do Colégio Apoio.
- Obs: Trabalhos inéditos ou não, porém referentes ao sertão pernambucano.

3.4 Do apoio das Coordenações dos Cursos e da Chefia do DCS

- Cada coordenadora deve identificar os docentes que tenham interesse em participar do projeto, bem como ajudá-los, desde que seja solicitado, a selecionar os trabalhos dos alunos.
- As Coordenadoras também identificarão os professores ou egressos com trabalhos científicos, temáticos e ou artísticos, bem como alunos e ou egressos com talento artístico.
- O Chefe do DCS coordenará em conjunto com as duas professora os trabalhos dos alunos de Publicidade e Propaganda.
- Observar o CRONOGRAMA de atividades e os respectivos prazos para cada etapa dos subtrabalhos.

Obs: Já foram realizados entendimentos verbais com alguns professores: Alexandre Figuerôa, Carla Patrícia, Neide Mendonça, Signe Dayse, Theresa Sampaio e Renata Victor, bem como com alguns alunos e egressos de Relações Públicas que, em princípio, mostraram-se receptivos.

²⁵ Uma das 10 atividades da SemanaCom. Projeto desenvolvido pelo profº Alfredo Sotero para o Departamento de Comunicação Social. Será entregue um planejamento específico à Diretora da Biblioteca, Jaise Leão, com sugestões para as atividades.

3.5 Dos Professores

- Adequar, na medida do possível, a temática às suas disciplinas.
- Ser orientadores de trabalhos de alunos vinculados ou não à(s) sua(s) disciplina(s).
- Apresentar trabalhos inéditos ou não sobre a temática.
- Apoiar as coordenações de curso na identificação de egressos e ou alunos com qualidades artísticas.
- Solicitar, caso ache necessário, apoio da coordenação de curso ou da Agerp para seleção dos subprojetos.
- Informar, de acordo com o CRONOGRAMA do projeto, os materiais necessários para apresentação dos subprojetos.

3.6 Dos Alunos Colaboradores

- Estagiários da Agerp e alunos de Relações Públicas:
 - . Relacionar títulos, artigos, videoteca, discografia, *mailing list* específicos, entre outros.
 - . Realizar pesquisas textuais (“copiões”) e iconográficas para seus subprojetos, caso venham a desenvolvê-los, e obter apoio aos docentes.
- Obs: Solicitação de uma pesquisa específica como o mínimo de quinze dias (de antecedência). Essas pesquisas serão encerradas na segunda semana de setembro.
- . Serão identificados nos créditos do projeto.
 - . Receberão certificados ou declaração específica sobre o apoio ao projeto.

3.7 Da Coordenação da Agerp

- Criação e elaboração do projeto
- Criação e produção da programação visual do projeto
- Entendimentos prévios com professores, alunos e egressos.
- Supervisão específica aos alunos e estagiários para o projeto
- Apoio às Coordenações de Curso e ao Chefe do DCS para seleção dos trabalhos dos alunos.
- Apoio à Biblioteca Central para realização do AcervoCom Especial e a homenagem a Luiz Gonzaga

- Estruturar o clima²⁶ do evento
- Produção e realização finais das mesas-redondas, exposições...

3.8 Dos Brindes/Mídia Humana

- Para uma maior interatividade do público/projeto, devem ser sorteados sejam materiais institucional ou *souvenirs*.

. Institucional: “Os Ribeirinhos Pernambucanos: produto editorial”²⁷

. *Souvenirs*: Camisas, bonés, chaveiros.

- Todos os alunos, professores, egressos e pessoal de apoio receberão um *kit* mídia humana que além da identificação demonstra unidade da produção do projeto.

- Serão sorteados brindes aos participantes das mesas redondas de alunos, professores e egressos.

- Poderá(ao) ser(em) criada(s) estratégia(s) para sorteios no período da exposição (térreo do bloco A) e atividades no Centro Cultural Pe. Tavares de Bragança.

3.8 Dos Certificados

- Certificar todos alunos envolvidos em pesquisa e ou produção de trabalho para “Os Olhares...”

- Os certificados, também, serão entregues aos professores e egressos que contribuirão com o projeto.

²⁶ *Soma de fatores, ações (ponderáveis e imponderáveis), não apenas com atitudes de civilidade, cordialidade, mas também, adequação do local/ambiente às atividades.*

²⁷ *Foi entregue uma proposta no dia 09 de abril de 2002 ao Editor da Comissão Editorial da Unicap, prof^o Paulo Fradique e à Coordenadora de Relações Públicas, prof^a Verônica Brayner. O projeto foi desenvolvido no segundo semestre de 2002 com trabalhos de alunos e professores do DCS, com coordenação dos professores Signe Dayse e Alfredo Sotero.*

“...Foi uma homenagem aos 500 anos de descobrimento do maior rio localizado em território nacional: o São Francisco. Teve como objetivo integrar a teoria à prática os trabalhos acadêmicos-profissionais dos alunos, egressos e professores. Em face dessa realidade, principalmente sendo a Unicap incentivadora e propulsora às criações dos alunos e professores enquanto unidade orgânica de ensino superior e procurando registrar as produções de seus corpos docente e discente... o produto editorial poderá ser patrimônio de consulta e análise de dados, não apenas de professores mas, principalmente, aos futuros estudantes...Informações e preocupações com o Velho Chico estão sendo apuradas, discutidas e analisadas por instituições de fomento, Governo Federal, veículos de comunicação... A Unicap poderá ser “pioneira” enquanto organização educacional de cultura e saber, não com uma história do arco-da-velha, mas com um dos resultados de sua responsabilidade social produzido por alunos e professores”. RODRIGUES, Alfredo Sotero Alves. *Os ribeirinhos pernambucanos: produto editorial*. Departamento de Comunicação Social, Universidade Católica de Pernambuco, 2002.

X - As Imagens E Os Sons Dos Sertões

25 de novembro a 13 de dezembro de 2002 – Térreo do Bloco A
Integral
Exposição sobre Os Sertões

25 a 29 de novembro de 2002 – Centro Cultural Pe. Abranches
Integral
Artes Plásticas, Poemas, Audiovisuais

27 de novembro de 2002 - Centro Cultural Pe. Abranches
17 horas
Recital, declamador(es) de cordel

26 de novembro de 2002 – Auditório do CTCH
15 horas
Mesa redonda dos Docentes e Egressos

28 de novembro de 2002 – Auditório do CTCH
15 horas
Mesa Redonda dos Discentes

25 a 29 de novembro de 2002 – Multiuso A511
18h30min
Cineclube Revezes Especial

25 de novembro a 14 de dezembro de 2002 – Biblioteca Central Pe.Aloísio Mosca
de Carvalho S.J
Integral
AcervoCom Especial sobre temas ligados a'Os Sertões

02 a 14 de dezembro de 2002 – Biblioteca Central Pe.Aloísio Mosca de Carvalho S.J
Integral
90 anos de Luiz Gonzaga

Data ?????????????????????? – Biblioteca Central Pe.Aloísio Mosca de Carvalho S.J
A Negociar
Exibição de outros vídeos

25 a 29 de novembro de 2002 – Térreo do bloco A
"Telão" de Sons e Imagens da Pastoral
Tarde e Noite
Rádio Unicap Especial

Térreo do bloco G ???

XI – As Munições Para A Batalha

1 - Espaços Físicos

Térreo do Bloco G

Térreo do Bloco A – inclusive a Praça de Eventos

Auditório Multiuso – A511 do Bloco A

Auditório do CTCH – Bloco B

Espaço Cultural Pe. Tavares de Bragança

Biblioteca Pe. Aloísio Mosca de Carvalho, S.J. – Térreo e Sala de vídeo

2 - Materiais

Obs: A relação será entregue de acordo com o cronograma do projeto.

3 - Humanos

Coordenador da Agerp

Estagiários da Agerp (faltam as contratações: já estão aprovadas)

Web designer do DCS

Voluntários de Relações Públicas

Coordenadora do curso de Relações Públicas

Coordenadoras de Jornalismo e Turismo

Chefe do DCS

Funcionários da Secretaria do DCS

Professores do DCS

Alunos e Egressos do DCS

Funcionários dos Laboratórios de Televisão e Rádio do DCS

Estagiário do Laboratório de Foto

Serventes

Seguranças

XII - Os Dias E Os Dias Da Peleja

Dezembro de 2001 – Notícia do acontecimento.

Abril de 2002 – Plano para a homenagem.

Mai de 2002 – Idéias para a formatação textual do projeto.

Junho de 2002 – Levantamento (básico) das informações;
Entendimentos verbais com alguns professores, egressos e alunos.

Julho de 2002 – Redação do Projeto;
Reserva dos espaços físicos;
Entrega do Documento a Coordenação de Relações Públicas e ao
Chefe do DCS.

Agosto de 2002 – Recrutamento de colaboradores para o projeto;
Pesquisas específicas para embasamento dos subtrabalhos;
Criação da Identidade visual.

Setembro de 2002 – Término das pesquisas específicas;
Identificação dos subtrabalhos a serem apresentados
Criação dos instrumentos de comunicação

Outubro de 2002 – Definição dos subtrabalhos a serem apresentados;
Definição da linguagem a ser utilizada nos painéis da exposição;
Definição da sistemática das Mesas Redondas e da Imagens
Para Os Seus Ouvidos,,,
Definição e solicitação dos recursos materiais e divulgação.

Novembro de 2002 - Ajustes finais dos subtrabalhos;
Confecção das peças;
Divulgação;
Apresentação do “Olhares...”

XIII - As Palavras Dos Homens

ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.

ASSIS, Célia de. Et al.; ilustrações Paulo Ferreira, Ricardo José Nogueira da Silva, Rigoberto do Rosário Jr. São Paulo: FTD, 1994. Caatinga – (Nossas Plantas).

BARROS, Frederico Ozanam Pessoa de. *Euclides da Cunha* – seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1982.

BRANCO, Samuel Murgel. *Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo*. 8ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (acrescido de rica iconografia e prefácio de M. Cavalcanti Proença). Edições de Ouro: Rio de Janeiro, Sem data.

FERNANDES, Bob. O sertão vai virar plástico. E pasto. *Carta Capital*, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 2001 – Ano VIII – nº 171.

FERREIRA, José de Jesus. *Luiz Gonzaga, o rei do Baião* – sua vida, seus amigos, suas canções. São Paulo: Editora Ática, 1986.

GAMA, Rinaldo. Biblioteca nacional. *Revista Veja*, São Paulo, 23 de novembro de 1994.

GARCIA, Carlos. O que é Nordeste brasileiro. 5. ed: São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DO BRASIL. *Euclides da Cunha* – o cronista de uma tragédia brasileira. 4ª ed. São Paulo: Abril S. A Cultural e Industrial, 1978.

HOLANDA, Lourival. As secas e os rios de retórica. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, Recife, outubro de 2001, Suplemento Cultural.

PIRES, Edileide Freitas. Entrevista concedida a Alfredo Sotero. Recife, 25 de jul. 2002.

RODRIGUES, Alfredo Sotero Alves. *SemanaCom*: comunicação e turismo. Departamento de Comunicação Social, Universidade Católica de Pernambuco, 2001.

_____ *Os ribeirinhos pernambucanos*: produto editorial. Departamento de Comunicação Social, Universidade Católica de Pernambuco, 2002.

SÁ, Sinval. *O sanfoneiro do riacho da Brígida* – vida e andanças de Luiz Gonzaga, rei do baião. 5ª ed. Brasília: Thesaurus, 1978.

SIEBERT, Célia. *Geografia de Pernambuco*. São Paulo: FTD, 1998.

www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/euclidesdacunha/sertoos/sertoos.html

em 22 de junho de 2002.

www.cartacapital.com.br 26 de junho de 2002.

www.casaeuclidiana.org.br/ em 22 de junho de 2002.

<http://euclidesite.tripod.com.br/> em 28 de junho de 2002.

<http://www.pernambuco.gov.br> em 26 de junho de 2002.

www.pe-az.com.br em 26 de junho de 2002.

www.portfolium.com.br/ 22 de junho de 2002.

www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/sertoos/ em 22 de junho de 2002.

ICONOGRAFÍAS

Pernambuco e suas principais regiões



 Zona da Mata/Litoral  Agreste  Sertão

Títulos (conversão)

I - Preliminares (Introdução)

II - Uma Re(li)gião Chamada Sertão - Situação/Problema

III - Um Diário de uma Peleja Secular... Seculares (Justificativa)

IV - Os Ideais de uma Saga (Objetivos)

V - Os Brasileiros e os Terráqueos (Públicos)

VI - O Cenário e os Acessórios (Período, Local, Apoio e Realização)

VII - A Campanha dos Homens das Palavras (Divulgação)

VIII - As Armas da Batalha (Estratégias)

IX - Como Fazer Uma Batalha (Sistemática Operacional)

X - As Imagens e os Sons dos Sertões (Programação)

XI - As Munições Para a Batalha (Recursos)

XII - Os Dias e os Dias da Peleja (Cronograma)

XIII - As Palavras dos Homens (Referência Bibliográfica)

- Iconografias (Anexos)